

**O que resiste do corpo que resta:
Potência de vida em *impuesto a la carne*, de Diamela Eltit¹**

Rafaela Scardino²

RESUMO

O romance *Impuesto a la carne*, da escritora chilena Diamela Eltit, textualiza a mercantilização dos corpos e vidas de seres humanos no capitalismo atual. Nesse romance, lançado no ano em que se comemorou o bicentenário da independência chilena, duas mulheres, mãe e filha, confinadas em um hospital há 200 anos, resistem à apropriação de seus corpos — seu sangue, seus órgãos, seus membros — pelos “médicos generales”, líderes desse espaço de normalização e confinamento que se confunde com a nação. O trabalho apresentado pretende analisar como o romance de Eltit encena formas de resistência e potência de vida em um mundo de extrema mercantilização e controle dos corpos.

Palavras-chave: Resistência, Biopolítica, Potência de vida

**What resists in the body that remains:
Life and power in *impuesto a la carne*, by Diamela Eltit**

ABSTRACT

The novel *Impuesto a la carne*, written by the Chilean writer Diamela Eltit, textualizes the commodification of the bodies and lives of human beings in the current state of capitalism. In this novel, published in the year that celebrated the bicentenary of Chilean independence, two women, mother and daughter, confined to a hospital for 200 years, resist the appropriation of their bodies — their blood, their organs, their members — by the “general doctors”, the leaders of this space of normalization and confinement that is also the nation. The present article analyzes how the novel stages forms of resistance and potency of life in a world of extreme merchandizing and control over human bodies.

Keywords: Resistance, Biopolitics, Power of life

Recibido: 23 de abril de 2019

Aceptado: 05 de junio de 2019

¹ Uma primeira versão deste texto foi apresentada como comunicação no XXI Congreso Internacional de Humanidades 2018 y IX Encuentro del Grupo de Investigadores “*Textualidades contemporáneas: procesos de hibridación*”.

² Doutora em Letras. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (Brasil). rafaelascardino123@gmail.com

INTRODUÇÃO: zonas de indiscernimento

O romance *Impuesto a la carne*, publicado por Diamela Eltit em 2010, no bicentenário da independência chilena, é o relato de duas mulheres, mãe e filha, encerradas — conforme se reitera várias vezes ao longo das páginas — há duzentos anos num hospital, que também pode ser a pátria, a nação ou o país. O texto é narrado em primeira pessoa pela filha, cujo corpo é partilhado com a mãe, que se aloja em seus pulmões e se pendura em suas costelas, habitando seus órgãos.

Os corpos dessas mulheres, submetidos a um regime hospitalar de brutal dominação política, simbólica e econômica é sempre encarado como espaço de intervenção, seja como fonte de matéria-prima (seus corpos são mutilados frequentemente, com seus órgãos e tecidos sendo vendidos para pagar a permanência no local), seja como exemplo do bom funcionamento da instituição.

Diz o romance:

Sinto que vou desmaiar, porque a enfermeira de plantão já tirou muito sangue, que vai vender por um preço razoável misturado ao sangue de mamãe, sim, de minha pobre mãe tão doente e anciã. Minha mãe que tem que entregar sangue gratuitamente a nosso hospital pátrio, a nosso recinto nacional, a todo o território hospitalar do país para que a mantenham viva as enfermeiras que servem os médicos com uma dedicação não sei se voluptuosa, mas insensata. Servem-nos para que os medicamentos triunfem no corpo dos pacientes. Nós somos a prova viva da eficácia dos medicamentos.³

Siento que me voy a desmayar porque la enfermera de turno ya me ha sacado demasiada sangre que va a vender a un precio razonable mezclada con la sangre de mi mamá, sí, de mi pobre madre tan enferma y anciana. Mi mamá que tiene que entregarle sangre gratuitamente a nuestro hospital patrio, a nuestro recinto nacional, a todo el territorio hospitalario del país para que la mantengan viva las enfermeras que sirven a los médicos con una dedicación no sé si voluptuosa pero sí insensata. Los sirven para que los medicamentos triunfen en el cuerpo de los pacientes. Nosotras somos la prueba viva de la eficacia de los medicamentos (Eltit, 2010, p. 70).

³ Como o romance ainda não possui edição em português, os trechos citados foram traduzidos por mim, seguidos do original em espanhol, em conformidade com o que se verifica no presente caso. Quando a citação ocorrer no corpo do texto, o trecho original será disponibilizado em nota de rodapé. Tal princípio também norteará as traduções de produções não-literárias.

Como é possível ver, as indeterminações discursivas, que tornam indistintos “hospital” e “pátria”, não nos permitem decidir se essas mulheres são objetos passivos do poder hospitalar (e portanto completamente dependentes dele, talvez até dispensáveis) ou o símbolo de sua glória (e fundamentais para a manutenção de seu *status*). Mas tais indeterminações também apontam certo caráter fantasmático que marca o corpo dessas mulheres. No trecho destacado há pouco, mãe e filha dispõem de dois corpos, dois objetos a serem apropriados e mercantilizados pelo “hospital pátrio”. No entanto, em outros momentos, seus corpos se unificam e a filha precisa se mover “com um cuidado cerimonial, pois transporto minha mãe dentro de mim. Ela está encrustada no interior do meu peito e agora mesmo respira penosamente devido à condição tosca que apresentam seus pulmões”⁴ (Eltit, 2010, p. 32). Assim como o espaço que ocupam, também seus corpos são marcados pela falta de bordas: as delimitações físicas são fluidas, ao menos da perspectiva pulsional. Há um corpo ou dois corpos? Elas poderiam viver fora do hospital? Por quantos anos perdura o que se narra?

A partir das indeterminações discursivas que conformam o romance, a leitura se depara com certas zonas de indiscernimento entre submissão e resistência, passividade e agência. As mulheres se encontram, supostamente, há duzentos anos sob o jugo de um poder que macula seus corpos, servindo-se deles como mercadoria e mantendo-os num estado de sobrevivência, de maneira a recordar o que Giorgio Agamben chamou de “vida nua” — vida privada de qualquer qualificação política, afetuosa, indentitária; uma vida que já não poderia ser reconhecida como humana. Apesar disso, essas mulheres mantêm táticas que fissuram o domínio hospitalar/nacional/pátrio. Ainda que sejam exploradas (ou porque a violência atingiu esse grau de eficácia...), elas acreditam que não teriam condições de subsistir sem os procedimentos médicos realizados ali, espaço que se tornou parte fundamental de sua existência: um cárcere ambíguo. Ao mesmo tempo, as mulheres procuram criar formas de vida que extrapolem os limites institucionais que as cerceiam.

⁴ No original: “con un cuidado ceremonial pues transporto a mi madre adentro de mí. Ella está encrustada en el interior de mi pecho y ahora mismo respira penosamente debido a la condición tosca que presentan sus pulmones”.

Vejamos um exemplo da primeira forma de resistência, ou seja, a permanência no espaço hospitalar de forma a favorecer a sua sobrevivência, sem ceder à completa mercantilização de seus corpos:

Sei que ela [a mãe] se deleita com seu sangue, porque sua hemorragia é o que confirma o quão doente se encontra e o quanto necessita de um médico e de uma quantidade exaustiva de exames. Depois de todos estes anos ela maneja suas hemorragias segundo sua vontade e já aprendeu quanto sangue pode perder sem chegar a um estado crítico. Mas agora começo a me preocupar ou a sofrer ou a enlouquecer quando vejo que transgrediu sua medida para produzir um chão guerreiro, esse chão que mede a batalha de minha mãe, uma batalha que ao final perderá [...].

[...]

Minha mãe sangra.

O chão está impossível.

Irão nos matar por sermos sujas.

Sé que ella [la madre] disfruta su sangre porque su hemorragia es la que confirma lo enferma que se encuentra y cuánto necesita un médico y una cantidad exhaustiva de exámenes. Después de todos estos años ella maneja sus hemorragias según su voluntad y ya aprendió cuánta sangre puede perder sin llegar a un estado crítico. Pero ahora me empiezo a preocupar o a sufrir o a enloquecer cuando veo que ha roto su medida para producir un suelo guerrero, ese suelo que mide la batalla de mi madre, una batalla que al final perderá [...].

[...]

Mi madre sangra.

El suelo está imposible.

Nos van a matar por sucias. (Eltit, 2010, p. 118-119).

Ou ainda:

Mas minha mãe e eu somos especialistas em projetar um simulacro de obediência e até de submissão. Nós nunca nos rebelamos frontalmente a nenhuma ordem médica.

Por isso continuamos vivas.

Pero mi madre y yo somos especialistas en proyectar un simulacro de obediencia y hasta de sumisión. Nosotras nunca nos rebelamos frontalmente a ningún mandato médico.

Por eso seguimos vivas. (Eltit, 2010, p. 146).

Em seu livro *Fissurar o capitalismo*, John Holloway (2013) propõe que, em lugar de esperar por uma revolução ou movimento amplo que venha a romper ou substituir estruturalmente o capitalismo, sejam realizados rasgos em seu tecido, uma série de ações

intersticiais, dos mais variados alcances, mas capazes de estabelecer rasuras na organização social que nos oprime. Com isso, seria possível desenvolver, no cotidiano, elementos para a criação de novas formas de vida — uma resistência que conhece a propositividade. O autor também chama a atenção para a ambivalência que marca as ações de sobrevivência e manutenção da dignidade no regime capitalista:

Para criar um mundo diferente, temos de sobreviver fisicamente, e, a menos que cultivemos nossa própria comida na terra [...] isto requer algum tipo de acesso ao dinheiro; e dinheiro [...] sempre traz limitações e contradições consigo (Holloway, 2013, p. 70).

Nos trechos citados do romance, os recursos empregados por mãe e filha se aproximam do apresentado por Holloway, especialmente no que toca a consciência da desigualdade de forças e das contradições inerentes à necessidade de sobreviver no ambiente predatório do capital. Continuando suas reflexões, escreve o cientista político:

A resposta é, na verdade, “Revoltemo-nos, da maneira que pudermos”, mas o que mais importa não é apenas o grito de ódio revolucionário diante do capitalismo, e sim as maneiras pelas quais tentamos desenvolver nossas atividades práticas diárias que não se adequam à sucção coesiva da atividade capitalista (Holloway, 2013, p. 75).

E é em suas práticas diárias que essas mulheres se revoltarão, exercitando uma resistência combativa, dedicadas a experimentar táticas (Certeau, 1998) que possam “produzir um chão guerreiro”.

Práticas de resistência: “escrever a memória do desvalor”

No romance de Eltit, o texto que temos em mãos corresponde ao que escreve a filha, o que muitas vezes é ponto de tensão entre as personagens, devido ao medo de que os escritos venham a ser encontrados pelos médicos — principalmente pelos temíveis, em espanhol, “médicos generales”.

A ambivalência do termo “generales” (“gerais”/“generais”) constitui um desafio significativo para a tradução. Em português, os “médicos gerais”, que dominam o espaço hospitalar, e os “generais”, que dominam o espaço nacional ou pátrio, exigem duas palavras. Ou uma contração: “ge(ne)rais”. Detalhe emblemático, pois, na narrativa, o

vocabulário médico e militar — com suas juntas, ordens e hierarquias — se confundem até a indistinção:

Ainda estamos esperando que termine a junta médica. Uma junta infinita que continua aí enquanto minha mãe se queixa com cautela e com uma mescla de terror, porque tem um ruído no peito, faz barulho o peito da minha mãe, faz barulho seu peito no interior do meu peito, em um dos meus brônquios, e não há nenhum maldito especialista, só um médico ge(ne)ral, entusiasmado com seu cargo, mas assimétrico como todos os médicos ge(ne)rais.

Um ge(ne)ral.

Incompetente.

Sanguinário.

Estamos esperando todavía que termine la junta médica. Una junta infinita que sigue ahí mientras mi madre se queja con cautela y con una mezcla de terror porque tiene un ruido en el pecho, le suena el pecho a mi madre, le suena su pecho en el interior de mi pecho, en uno de mis bronquios y no hay ningún maldito especialista, solo un médico general, entusiasmado con su cargo pero asimétrico como todos los médicos generales.

Un general.

Incompetente.

Sanguinario. (Eltit, 2010, p. 91)

Apesar do receio materno, a filha insiste em escrever, registrando sua experiência nessa “pátria ou país ou território ou hospital” no qual se encontram, há um tempo que — evocando os duzentos anos de independência do Chile — é interrogado, ou melhor, borrado incessantemente:

Sei que continuaremos aqui, nesta sala comum, uns, quantos?, duzentos anos mais? Vivas, sim, abandonadas, alertas. Permaneceremos deitadas testemunhando as mortes massivas das mulheres. De não sei quantas mulheres. Será assim porque minha mãe e eu somos anarquistas e temos a obrigação histórica de redigir as memórias da angústia e do desvalor. Umhas memórias que serão escritas ao largo dos próximos duzentos anos com o esmero dos antigos calígrafos que deixaram seu sangue na letra. Vamos escrever pausadamente os feitos que conhecemos para deixar por escrito sua importância e sua existência. Vou escrever com a voz de minha mãe encravada em meus rins ou presa a meu pulmão mais competente.

Vou escrever a memória do desvalor.

Sim, farei isso porque nós somos um verdadeiro terror de mulheres que de tanto e tanto resistir nos convertemos em dois espantalhos encravados em um campo de lava.

Sé que nos quedaremos aquí, aquí, en esta sala común, unos ¿cuántos?, ¿doscientos años más? Vivas, sí, regazadas, alertas. Permaneceremos

acostadas testimoniando las muertes masivas de las mujeres. De no sé cuántas mujeres. Será así porque mi mamá y yo somos anarquistas y tenemos la obligación histórica de redactar las memorias de la angustia y del desvalor. Unas memorias que serán escritas a lo largo de los próximos doscientos años con el esmero de los antiguos calígrafos que dejaron su sangre en la letra. Vamos a escribir pausadamente los hechos que conocemos para dejar por escrito su importancia y su existencia. Voy a escribir con la voz de mi madre clavada en mis riñones o prendida a mi pulmón más competente.

Voy a escribir la memoria del desvalor.

Sí, lo haré porque nosotras somos un verdadero terror de mujeres que de tanto y tanto resistir nos hemos convertido en dos espantapájaros enclavados en un campo de lava. (Eltit, 2010, p. 155)

Escrever é, também, uma forma de se opor ao discurso, ficcional e totalizante, do poder. A recusa à dominação do Estado — “a nosso hospital pátrio, a nosso recinto nacional, a todo o território hospitalar do país”⁵ (Eltit, 2010, p. 70) — é a recusa à homogeneização imposta pela lógica estatal e seu regime tanto de legibilidade quanto de controle. É a recusa, ainda, a uma memória cujo registro é verticalizado e, portanto, manipulado para atender à causalidade de uma noção de poder também ela homogeneizada.

O recurso à metáfora da doença, e de seu combate, foi especialmente presente durante os anos da ditadura. Naomi Klein ressalta que, diante das críticas à violência destinada a seus opositores, Pinochet teria afirmado: “Se você tem uma gangrena no braço tem de cortá-lo, certo?” (Klein, 2010, p. 136). Acerca de um contexto semelhante, Ricardo Piglia nos diz:

O poder se sustém na ficção. O Estado é também uma máquina de fazer crer. Na época da ditadura, circulava um tipo de relato “médico”: o país estava doente, um vírus o havia corrompido, era necessário realizar uma intervenção drástica. O estado militar se autodefinia como o único cirurgião capaz de operar, sem postergações e sem demagogia. Para sobreviver, a sociedade tinha que suportar essa grande cirurgia. Algumas zonas deveriam ser operadas sem anestesia. Esse era o núcleo do relato: país desenganado e uma equipe de médicos dispostos a tudo para salvar sua vida. Na verdade, esse relato encobria uma realidade criminoso, de corpos mutilados e operações sangrentas. Mas ao mesmo tempo aludia

⁵ No original: “a nuestro hospital patrio, a nuestro recinto nacional, a todo el territorio hospitalario del país”.

explicitamente a ela. Dizia tudo e não dizia nada: a estrutura do relato de terror.

El poder también se sostiene en la ficción. El Estado es también una máquina de hacer creer. En la época de la dictadura circulaba un tipo de relato “médico”: el país estaba enfermo, un virus lo había corrompido, era necesario realizar una intervención drástica. El Estado militar se autodefinía como el único cirujano capaz de operar, sin postergaciones y sin demagogia. Para sobrevivir, la sociedad tenía que soportar esa cirugía mayor. Algunas zonas debían ser operadas sin anestesia. Ése era el núcleo del relato: país desahuciado y un equipo de médicos dispuestos a todo para salvarle la vida. En verdad, ese relato venía a encubrir a una realidad criminal, de cuerpos mutilados y operaciones sangrientas. Pero al mismo tiempo la aludía explícitamente. Decía todo y no decía nada: la estructura del relato de terror. (Piglia, 2001, p. 105-106).

Em consonância com a reflexão de Piglia, o relato da experiência dessas duas mulheres — que são testemunhas das “mortes massivas de mulheres” neste hospital-pátria — se oferece como versão alternativa à história oficial, como resistência “anarquista” ao relato estatal (aliás, o vocábulo “anarquista” se faz ostensivamente presente nas passagens em que a narradora se refere a si e a sua mãe). De todo modo, assim como o discurso do estado militar, que “dizia tudo e não dizia nada”, há, nas lacunas de tal “memória do desvalor”, uma potência: aquilo que se coloca entre o dito e o não-dito, aquilo que desestabiliza o arquivo.

Giorgio Agamben, em *O que resta de Auschwitz* (2008), traz à discussão, como elemento fundamental, o conceito teológico-messiânico de *resto*, que será desenvolvido em livro posterior, *O tempo que resta* (2004). Na segunda obra, Agamben retoma, então, o conceito, explicitando que *resto* “não é [...] nem o todo nem uma parte do todo, mas significa a impossibilidade para a parte e o todo de coincidirem, ao mesmo tempo, consigo mesmos e entre si”⁶ (Agamben, 2004, p. 97).

A língua do testemunho, diz o filósofo, deve se colocar na posição de *resto*, em contraponto ao arquivo,

que designa o sistema das relações entre o dentro e o fora da *langue*, entre o dizível e o não dizível em toda língua — ou seja, entre uma potência de dizer e a sua existência, entre uma possibilidade e uma impossibilidade de dizer. Pensar em uma potência em ato *enquanto potência*, ou seja, pensar

⁶ No texto francês: “Il n’est donc ni le tout, ni une partie du tout mais il signifie l’impossibilité pour le tout et la partie de coïncider à la fois avec eux-mêmes et entre eux”.

a enunciação no plano da *langue* equivale a inscrever na possibilidade uma cisão que a divide em uma possibilidade e uma impossibilidade, em uma potência e uma impotência, e, nessa cisão, situar um sujeito (Agamben, 2008, p. 146).

Seria interessante apontar para a cisão, explicitando que não é um vazio, mas uma divisão preche de sentido: lugar de instauração do sujeito e, portanto, da possibilidade de dizer *eu*, diante da impossibilidade de conceder à enunciação desse *eu* uma referência unívoca. A voz enunciativa, situada nessa cisão geratriz, instaura um outro tempo da memória, propício para a construção de uma história que se opusesse àquela que habita o historicismo — “tempo homogêneo e vazio” (Benjamin, 1994, p. 229). Um tempo da memória coletiva produzida de forma política, em oposição àquela gerada e repetida pelos discursos do poder.

CONCLUSÃO: o chão guerreiro de que brota a resistência

As indiscernibilidades, as vacilações e as dispersões do romance em análise podem ser encaradas como esse resto discursivo, espaço linguístico em que as personagens, “operadas, quebradas, mal costuradas”⁷ (Eltit, 2010, p. 184), conseguirão escrever a resistência e suas táticas.

Assim, esse corpo dúbio e, a seu modo, amorfo — posto que partilhado pelas duas mulheres “sós, velhas, cerceadas de toda oportunidade no mundo e diagnosticadas pelos médicos [...] como extremas, baixas, demasiado morenas”⁸ (Eltit, 2010, p. 33) — será o lugar de uma língua que existe enquanto potência, enquanto devir. Que não se encerra no já dito, mas que se contamina da força do ainda por dizer. A língua que se situa entre a possibilidade e a impossibilidade de dizer, isto é, a língua como *resto*, leva a linguagem a seus limites e se escreve, sobretudo, com o corpo.

Um corpo (dois corpos?) que lhes permite a rebeldia dissimulada, a fissura nos códigos de ocupação do espaço hospitalar e até do pertencimento a si mesmas. No que resta desses corpos, nessa impossibilidade de coincidência, mãe e filha podem encontrar o afeto e a comunidade, podem se encontrar uma à outra e, juntas, buscar um dizer que

⁷ No original: “operadas, rotas, mal cosidas”.

⁸ No original: “solas, ancianas, cercenadas de toda oportunidad en el mundo y diagnosticadas por los médicos [...] como extremas, bajas, demasiado morenas”.

alcance um endereçamento público — história ou memória que ultrapasse os limites de suas vidas:

Ainda no centro do que será meu fracasso, irei completar esta tarefa necessária para adquirir força e até uma partícula de influência. Entrarei em meu corpo como em um livro para transformá-lo em memória. Quero preparar meu corpo para convertê-lo em uma crônica urgente e desesperada. Deixarei abertas zonas para a interpretação e não vacilarei em denunciar minhas debilidades e até minhas abjeções.

Não atuarei precipitadamente.

Isso não é possível.

Vou me refugiar na cautela.

Tenho que sobreviver.

Junto com minha mãe.

Com ela.

As duas.

Aún en el centro de lo que será mi fracaso voy a completar esta tarea necesaria para adquirir fortaleza y hasta una partícula de influencia. Entraré en mi cuerpo como en un libro para transformarlo en memoria. Quiero preparar mi cuerpo para convertirlo en una crónica urgente y desesperada. Dejaré abiertas zonas para la interpretación y no vacilaré en denunciar mis debilidades y hasta mis abyecciones.

No actuaré precipitadamente.

Eso no es posible.

Me voy a refugiar en la cautela.

Tengo que sobrevivir.

Junto a mi madre.

Con ella.

Las dos. (Eltit, 2010, p. 128-129).

Como se percebe, o chão guerreiro de que brota a memória e a resistência só pode ser o corpo débil e abjeto, marcado pelo fracasso. A opção por uma saúde comprada nos hospitais pátrios, geridos por “médicos ge(ne)rais”, e a recusa do fracasso indicariam a impossibilidade da criação de uma memória que seja, também, a de tantas e tantas mulheres escuras, baixas, abjetas. Uma memória que apagasse os restos desses corpos fracassados e desesperados seria apenas testemunho da “eficácia dos medicamentos”, e não a constituição das “memórias da angústia e do desvalor”. E ainda que a dor, a precariedade e a falta marquem estes corpos e seus relatos, existe, na consciência da potência que conforma sua desposseção, uma força criadora:

Estamos operadas, quebradas, mal costuradas e apesar das indescritíveis dores que nos assolam, ainda em meio de nosso estado terminal ou

catastrófico, poderíamos, sim, poderíamos começar a comuna do corpo e colocar em marcha a primeira sede para conter o sangue do país ou da nação. Da pátria.

Estamos operadas, rotas, mal cosidas y a pesar de los indescriptibles dolores que nos estallan, aun en medio de nuestro estado terminal o catastrófico podríamos, sí, podríamos empezar la comuna del cuerpo y poner en marcha la primera sede para contener la sangre del país o de la nación. De la patria. (Eltit, 2010, p. 184).

REFERÊNCIAS

- Agamben, G.** 2004. *Le temps qui reste: Um commentaire de l'Épître aux Romains.* Trad. Judith Revel. Paris: Payot & Rivage.
- Agamben, G.** 2008. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III).* Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo.
- Benjamin, W.** 1994. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense.
- Certeau, M.** 1998. *A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer.* Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes.
- Eltit, D.** 2010. *Impuesto a la carne.* Buenos Aires: Eterna Cadencia.
- Holloway, J.** 2013. *Fissurar o capitalismo.* Trad. Daniel Cunha. São Paulo: Publisher Brasil.
- Klein, N.** 2008. *A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre.* Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Piglia, R.** 2001. *Crítica y ficción.* Barcelona: Anagrama.